

# A VISÃO DOS EUA: DESCONECTAR A OTAN

Por *The International Affairs*\*



*Soldados do Exército dos EUA durante o exercício Dragon 24, treinamento da OTAN realizado na Polônia em 11 de março de 2024 (Anthony Ford/US Army).*

*O desaparecimento da OTAN sinalizaria que os EUA já não são um aliado confiável; seus aliados começariam a se proteger, muitos europeus se aproximariam da Rússia e Washington estaria em retirada do palco europeu.*

“**T**rump abandonará a OTAN” foi a manchete da edição de janeiro-fevereiro de 2024 do *The Atlantic*. “Se for reeleito, ele acabaria com o nosso compromisso com a aliança europeia, remodelando a ordem internacional e prejudicando a influência americana no mundo”, alertava o subtítulo, [escreve](#) a *The Chronicles Magazine*.

Anne Applebaum, a autora do artigo, cita com ar de descrença atordoada Donald Trump dizendo em vários momentos que ele “não dá a mínima” para a OTAN, que os conflitos europeus não valem as vidas americanas, e que recuar da Europa pouparia muito dinheiro aos EUA. “A OTAN, fundada em 1949 e apoiada durante três quartos de século por democratas, republicanos e independentes, tem sido há muito tempo um foco particular da ira de Trump”, escreve ela.

É absurdo que quase 80 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial e um quarto de século depois da queda do Muro de Berlim, a Comunidade Militar Americana de Kaiserslautern (KMC) na Alemanha continue a ser o maior estabelecimento militar dos EUA no estrangeiro. Este complexo se estende por 16.000 acres e abriga 54.000 militares dos EUA e suas famílias. Só a Base Aérea de Ramstein, contida no CMK, emprega 16.000 pessoas.

Que fechar bases como o KMC e sair da Europa pouparia bilhões de dólares para o contribuinte americano é indiscutível. É igualmente evidente que a presença contínua das forças dos EUA no Velho Continente encoraja a continuação do parasitismo por parte dos membros europeus da OTAN, mais notavelmente a Alemanha. Há décadas que se sabe que quanto mais tempo as forças dos EUA permanecerem, menos os membros europeus da OTAN estarão motivados para investir em sua própria defesa. *Dois anos depois do início do conflito na Ucrânia, esta situação não mudou, apesar da retórica muitas vezes histérica sobre a alegada ameaça russa às fronteiras orientais da OTAN.*

No que diz respeito ao dinheiro, é digno de nota que o produto interno bruto dos membros europeus da OTAN (ou seja, a UE sem Áustria, Chipre, Malta e Irlanda, mas incluindo a Grã-Bretanha não membro da UE) valia pouco menos de 20 bilhões de dólares em 2022. Nesse mesmo ano, o PIB dos Estados Unidos era apenas 25% superior, situando-se nos 25 bilhões de dólares, mas a América era responsável por mais de dois terços das despesas militares da OTAN. Já em 2014, cada membro da OTAN concordou em aumentar seus orçamentos militares para 2% do seu PIB; em 2023, apenas 11, a maioria membros menores do Leste Europeu, tinham cumprido a promessa.

A lista de membros da OTAN que atingiram esse limite mínimo de 2% não inclui nenhuma das quatro principais potências europeias da OTAN: Alemanha, França, Itália e Espanha. Nem inclui nenhum dos membros menores e ricos da OTAN, como o Benelux, a Dinamarca e a Noruega. Em 2023, as despesas militares dos 31 Estados-membros da OTAN (mais a Suécia, que em breve será membro) ascenderam a quase 1,4 bilhões de dólares, mas os EUA foram responsáveis – deixem-me repetir – por mais de dois terços dessa despesa total. Sem a América, a despesa média com a defesa de todos os outros membros atingiria apenas 1,8% do seu PIB coletivo.

É verdade que dois anos depois de o perigoso urso russo ter iniciado sua “agressão não provocada” na Ucrânia, os europeus ainda não desenvolveram sistemas alternativos de liderança ou de comando e controle, nem resolveram sua falta de fornecimento de munições. Portanto, é lógico que podemos assumir um de dois cenários.

Em primeiro lugar, pode ser possível que os *europeus continuem deliberadamente a colocar o fardo de sua própria defesa sobre os EUA*, assumindo que a contínua ausência de capacidades de defesa alternativas – como as mencionadas por Goldgeier<sup>1</sup> – forçará os EUA a fornecê-las em uma base ilimitada e pagar a conta. Se assim for, estão agindo em conluio com a camarilha hegemônica global neocon-neoliberal do outro lado do Atlântico, que invoca a impotência da Europa como argumento para o “engajamento” eterno da América.

O mais provável é que os europeus que importam (não ligue para a margem oriental) não acreditam realmente que em um mundo pós-OTAN estariam expostos a um ataque russo, seja imediatamente ou a longo prazo, e que, portanto,

---

<sup>1</sup> James M. Goldgeier é professor de relações internacionais na Escola de Serviço Internacional da American University em Washington, onde atuou como reitor de 2011 a 2017.

não veem qualquer necessidade de se preparar para tal contingência. Se esta visão não representasse o pensamento europeu, então, após a invasão da Ucrânia em fevereiro de 2022, os países europeus teriam agido resolutamente para se prepararem para a guerra, independentemente do custo.

O fato de os europeus não estarem tão alarmados com a Rússia como os neoconservadores gostariam que estivessem, a sua decisão não declarada, mas evidente, de permanecerem despreparados para um possível ataque russo, indica que pode haver outro tipo de Estado profundo em funcionamento em Paris, Berlim, Roma e Madri. Ainda há uma classe de altos funcionários europeus em cena, especialmente na França e na Itália, que estão conscientes de que a agenda do consenso neoconservador/neoliberal americano é ruína para os interesses fundamentais de seus países. Eles compreendem, mas não podem dizer em voz alta, que é impossível separar o esforço pela continuação da hegemonia americana na Europa – que é inerentemente prejudicial à identidade e aos interesses fundamentais de seus países – da continuação da existência da OTAN.

Applebaum termina seu artigo com o que considera uma previsão apocalíptica. Se Trump, em um segundo mandato, declarar que já não apoia a OTAN, todas as outras alianças de segurança da América também estariam em perigo. “Taiwan, Coreia do Sul, Japão e até mesmo Israel perceberiam que não podem mais contar com o apoio americano automático.” O desaparecimento da OTAN sinalizaria a todos que os Estados Unidos já não são um aliado confiável, e todos os seus aliados começariam a se proteger. Muitos países europeus se aproximariam diplomaticamente da Rússia (horror!), e a América estaria em retirada do palco europeu. Quando percebermos o quanto mudou, será tarde demais.

O que é um cenário de fim do mundo para um neoconservador é um novo amanhecer para um realista. Não apenas a Europa, mas Taiwan, a Coreia do Sul, o Japão e mesmo Israel nunca deveriam ter sido obrigados a depender do apoio militar americano automático, e seria uma excelente ideia desiludi-los – ou, na verdade, a qualquer outro país estrangeiro – de qualquer expectativa no futuro.

Tal como existe hoje uma russofobia visceral entre a elite americana, no rescaldo da Segunda Guerra Mundial a antipatia pelos Estados Unidos transformou-se em uma mentalidade cultural comum entre os tradicionalistas europeus. Eles temiam e se ressentiam do que consideravam a nova hegemonia. Tal como a russofobia de hoje, este sentimento não estava necessariamente correlacionado com quaisquer atos políticos específicos emanados de Washington. Pelo contrário, tratou cada ato político como um reflexo e uma reafirmação dos motivos nefastos do ator – incluindo a fundação da OTAN.

Em seus primeiros anos, a OTAN era verdadeiramente uma aliança defensiva baseada na estratégia de contenção. Notavelmente, os EUA não agiram para impedir o presidente francês Charles de Gaulle de retirar a França da estrutura militar da OTAN em 1966, enquanto os soviéticos, uma década antes, destruíram grande parte de Budapeste para impedir a Hungria de sair do Pacto de Varsóvia. É também digno de nota que, em grande parte graças à OTAN, a Europa conseguiu evitar mais uma guerra nas décadas carregadas de crise que se seguiram a 1945.

Muitas guerras foram travadas na periferia da divisão bipolar, mas nenhuma em seu centro.

A OTAN se tornou rebelde depois do colapso da URSS e sua instável aliança militar. *Sua expansão para leste, que George Kennan qualificou como o maior erro estratégico da história americana, deveu-se inteiramente à patologia do regime hegemônico global de Washington pós-Guerra Fria. A aliança ocidental é hoje um anacronismo, uma ameaça crônica à paz e, acima de tudo, o punho de ferro do despertar americano. A visão de uma América e de um mundo livres das patologias da OTAN é, no entanto, por enquanto ilusória.*

Já não é possível falar da “América”, um verdadeiro país de 336 milhões de almas, como um ator discreto nos assuntos mundiais. Em vez disso, o que temos é um regime que desistirá da OTAN apenas se houver uma mudança de regime em Washington. Não uma mudança temporária, como a efêmera de janeiro de 2017, mas uma mudança revolucionária que varreria tanto os neoliberais como os neoconservadores, as caras globalistas e coroas hegemônicas da mesma moeda, conclui a *The Chronicles Magazine*.

Publicado no [The International Affairs](#).

---

*\*The International Affairs é um jornal do Ministério das Relações Exteriores da Rússia que cobre uma ampla gama de assuntos de política internacional, diplomacia e segurança global.*

---